

Flávia Leite Azambuja

Experiências corpóreas em ambientes escolares
(Biografemas de uma professora de Artes Visuais)

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais pelo
Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

Orientadora: Profa. Dra. Aline Nunes da Rosa

Porto Alegre, 2021

Flávia Leite Azambuja

*Experiências corpóreas em ambientes escolares
(Biografemas de uma professora de Artes Visuais)*

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais pelo
Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra. Paula Mastroberti (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Porto Alegre, 2021

CIP - Catalogação na Publicação

Azambuja, Flávia
Experiências corpóreas em ambientes escolares
(Biografemas de uma professora de Artes Visuais) /
Flávia Azambuja. -- 2021.
48 f.
Orientadora: Aline Nunes da Rosa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2021.

1. corpo. 2. experiências. 3. arte. 4. biografemas.
5. educação. I. Nunes da Rosa, Aline, orient. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A arte é invenção.

Quem faz arte, faz sonho, inventa realidades que deseja habitar.

Deseja um mundo onde poucos cabem e que quase ninguém compreende.

Pesquisar é estar só, imersa num mar de eu, onde o outro pode ser espinho. Onde o outro não sou eu.

Gratidão aos professores de casa,
rua,
escola
e vida.

Vento de Maio

(Composição: Lô Borges / Márcio Borges / Telo Borges)

Vento de maio rainha de raio estrela cadente
Chegou de repente o fim da viagem
Agora já não dá mais pra voltar atrás
Rainha de maio valei o teu pique
Apenas para chover no meu piquenique
Assim meu sapato coberto de barro
Apenas pra não parar nem voltar atrás
Rainha de maio valeu a viagem
Agora já não dá mais...
Nisso eu escuto no rádio do carro a nossa canção
Sol girassol e meus olhos abertos pra outra emoção
E quase que eu me esqueci que o tempo não pára
Nem vai esperar
Vento de maio rainha dos raios de sol
Vá no teu pique estrela cadente até nunca mais
Não te maltrates nem tentes voltar o que não tem mais vez
Nem lembro teu nome nem sei
Estrela qualquer lá no fundo do mar
Vento de maio rainha dos raios de sol
Rainha de maio valeu o teu pique
Apenas para chover no meu piquenique
Assim meu sapato coberto de barro
Apenas pra não parar nem voltar atrás

Resumo

Este texto é um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC de licenciatura em artes visuais. Neste espaço me dediquei a refletir sobre meu percurso e construção como professora. Contar que antes de qualquer coisa minha opção foi ser professora, ainda que tenha postergado esta formação e me aventurado no mundo das artes. Percebi na arte a possibilidade de experimentar e conhecer mundos poetizados, surreais, lúdicos, espaços em que o protagonista se faz urgente. Ao longo desta escrita revisitei momentos em que estive em ambientes escolares com diferentes percepções, experiências que busquei contar sob a ótica de licencianda. Ao longo destes percursos fui me envolvendo com as artes e me interessante por temáticas que evoluem ou partem do corpo. Percebi a importância e a falta de reflexão sobre o que fazemos com nossos corpos, como nos relacionamos com ele, como nos relacionamos com outros corpos através do nosso. Corpo é nossa condição primária. Com corpo experienciamos acontecimentos, aprendizagens, atravessamentos, vivenciamos situações de forma singular. Nestas andanças encontrei com a artista e professora Claudia Paim que me inspirou na licenciatura, nas artes, vida; ela me apresentou o artista Hundertwasser e sua teoria das 5 Peles, teoria que ainda busco na vida. Há neste percurso importantes leituras, como: Jorge Larrosa e suas proposições e reflexões sobre experiência; Edith Derdyk e suas poetizações acerca do corpo; Miriam Celeste Martins pensando a licenciatura de forma poética e experiencial; Edgar Morin para pensarmos sobre a educação do futuro e poetizações na vida. Neste texto também há relatos de estágio docente: presencial (2019) e remoto (2021), momentos bastante distintos pelo lugar onde a escola se encontra em cada momento, mas muito semelhantes pelas humanidades e dificuldades com que cada um se deparou em meio a pandemia de Covid-19. O momento atual é surreal e real, lembro da música de Arnaldo Antunes “O real Resiste”, sugiro a escuta.

Principais eixos de reflexão: **Corpo, experiências, arte, biografema e educação.**

Resumen

Este texto es un documento de conclusión del curso - licenciatura en artes visuales. En este espacio me dediqué a reflexionar sobre mi carrera y construcción como docente. Decir que antes que nada, mi elección fue ser docente, a pesar de que pospuse esta formación y me adentré en el mundo de las artes. Percibí en el arte la posibilidad de experimentar y descubrir mundos poetizados, surrealistas, lúdicos, espacios en los que el protagonista es urgente. A lo largo de este escrito repasé momentos en los que estaba en ambientes escolares con diferentes percepciones, experiencias que traté de contar sobre la perspectiva del licenciario. A lo largo de estos cursos me involucré con las artes y me interesé por temas que evolucionan o se apartan del cuerpo. Me di cuenta de la importancia y la falta de reflexión sobre lo que hacemos con nuestro cuerpo, cómo nos relacionamos con él, cómo nos relacionamos con otros cuerpos a través del nuestro. El cuerpo es nuestra condición principal. Con cuerpo vivimos eventos, aprendizajes, cruces, vivimos situaciones de una manera única. En estas andanzas conocí a la artista y profesora Claudia Paim que me inspiró en mi carrera, en las artes, en la vida; ella me presentó al artista Hundertwasser y su teoría de las 5 pieles, una teoría que todavía busco en la vida. Hay lecturas importantes en esta ruta, como: Jorge Larrosa y sus propuestas y reflexiones sobre la experiencia; Edith Derdyk y sus poetizaciones sobre el cuerpo; Miriam Celeste Martins pensando en la licenciatura de forma poética y vivencial; Edgar Morin para pensar en la educación del futuro y las poetizaciones en la vida. En este texto también hay relatos de prácticas docentes: presenciales (2019) y remotas (2021), momentos muy distintos por el lugar donde se encuentra la escuela en cada momento, pero muy similares por las humanidades y dificultades que conlleva. Cada uno se enfrentó en medio de la pandemia de Covid-19. El momento actual es surrealista y real, recuerdo la música de Arnaldo Antunes "O real Resiste", sugiero escuchar.

Principales ejes de reflexión: Cuerpo, vivencias, arte, biografema y educación.

Índice de figuras:

Figura: 01	Arquivo Pessoal (Fotografias digitalizadas)	14
Figura: 02	Arquivo Pessoal (Fotografia digital)	15
Figura: 03	Arquivo Pessoal (Fotografia digital)	16
Figura: 04	Arquivo Pessoal (Fotografia digital)	17
Figura: 05	Observatório Itinerante, 2015 (Fotografia digital)	20
Figura: 06	Hundertwasser – As Cinco Peles De Um Homem, 1998. (Nanquim sobre papel, 29.7 cm x 20.9 cm)	26
Figura: 07	Registro do Mural da Escola (Fotografia digital)	33
Figura: 08	Claudia Paim – Série Corpopaisagem, 2015, (Fotografia digital)	35
Figura: 09	Claudia Paim – Série Corpopaisagem, 2015, Fotografia digital	35
Figura: 10	Hundertwasser: Vestimenta	37
Figura: 11	Alisson Ortiz Affonso – Retorno, 2021 charge, tam a4, aquarela e marcadores...	41

Índice

	Sub-capitulo	Pagina
	Introdução	11
1	Primeiras incursões pela escola	13
	1.1 Aprendendo a andar com os olhos	14
	1.2 Buscando magia em meio a folhas	15
	1.3 Professores incríveis – criação de autonomias	16
	1.4 Educação também se faz de afetos e trocas	17
2	Construções, concepções e experiências corpóreas	19
	2.1 Viagem pelos tempos e concepções sobre corpo	22
	2.2 Compondo um corpo com Hundertwasser	24
	2.3 A arte e o corpo na escola	27
3	Aprendendo com e pelo corpo	30
	3.1 Ensino Fundamental	30
	3.2 Ensino Médio/técnico	38
	3.3 Retorno	40
	Considerações Finais	44
	Referências	47

A experiência, e não a verdade, é que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que este ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferente do que vimos sendo.

Jorge Larrosa e Walter Kohan, 2018

INTRODUÇÃO

O texto a seguir é escrito por uma estudante que compõem-se entre formações em bacharelado em História, Teoria e Crítica (FURG-Rio Grande) e mestrado em Poéticas Visuais (UFPel -Pelotas). E traz composições e contações que transitam e viajam por diferentes cidades e contextos. Traz biografemas sobre minhas composições, (des) construções e caminhada como professora, é sobre trabalhar com fé no que somos e como nos constituímos e como nos tornamos composição para outros seres. Nas caminhadas anteriores e na que segue agora, como licencianda, fui percebendo e desejando fundamentalmente me dedicar a ampliação corpórea – corporal, pois somos estes corpos e compomos eles na medida em que nos relacionamos conosco e com outros. Almejando desacelerações para que se torne mais fácil a conexão com seu ritmo corporal. A ampliação da percepção corpórea torna-nos dispostos para os experimentos e experiências, um corpo reconhece quando é atravessado por experiências, torna-se um suporte, um receptáculo de experiências.

Além da arte, do corpo, há professores que em mim habitam. Alguns professores nos atravessam enquanto seres humanos, seres pesquisadores, seres propositores e deixam em nós sementinhas, algumas germinam rápido, outras ficam esperando por novos adubos. Há professores que me fazem professora! Há demoramentos, amadurecimentos que me fazem professora.

(de (morar) – morar mais um pouco por ali, habitar, intensificar minhas relações naquela esfera.

Em mim habitam experiências de estudante, de pesquisadora, de artista... humanidades e curiosidades... aflições!

Habito tempos e espaços que me atravessam e que me marcaram, que me auxiliam em saber quem eu sou, minhas raízes. Nesta chácara onde minhas raízes habitam, também habitam magias, discos de vinil que me contaram histórias, que me contaram mundos outros. Onde há seres e energias que só meu corpo conhece, detalhes, delicadezas, amorosidades. Há memórias fabuladas, sensações inventadas, artes.

Neste percurso textual, a seguir nos encontraremos com diferentes autores que nos ajudarão nas composições de algumas reflexões. A autora Viviane Matesco nos oferece um apanhado histórico de grande valia em: *Corpo, imagem e representação* de 2009. Já o livro *Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura*, 2012 de Miriam Celeste Martins e Gisa Picosque nos oferecem reflexões que unem o corpo a educação. Já adentrados em nossos corpos transitaremos por escritos de João Francisco Duarte Jr., com *O Sentido dos Sentidos: A educação (do) Sensível*, 2001, que trata das semelhanças do saber com sabor, necessidade de saborear para construir o saber. Se saboreamos o saber, temos experiências, somos atravessados pelos escritos de Jorge Larrosa na Coleção Educação: Experiência e Sentido, especialmente com os livros: *Esperando não se sabe o quê: sobre ofício de professor e Tremores: escritos sobre experiência*. Tratando do conhecimento ampliado, sobre conhecimento global, intersecções nos aproximaremos de Edgar Morin com *Os sete saberes necessário à educação do futuro*, 2002.

Como resposta aos estímulos e consciências anteriormente citados suponho que desatemos e desenvolveremos produções no campo artístico. Abriremos possibilidades de criação a partir de corpos atentos, corpos ferramentas, corpos artísticos. Neste percurso textual serão alinhavadas costuras entre diversos referenciais teóricos, artísticos e poéticos. Pessoas que escolhi porque considero referencias em complementares âmbitos: vida, pesquisa, produção artística e poética e pedagógica.

1. PRIMEIRAS INCURSÕES PELA ESCOLA

As primeiras incursões pela escola, são passeios por momentos em que estive em ambientes escolares, por vezes como estudante, ajudante, estagiária... momentos em que tive a oportunidade de observar o ambiente escolar e os seres que ali habitam de diferentes formas. Conheci modos de ser professora muito diferente das minhas professoras, conheci meu pai professor, me conheci professora. Os escritos a seguir são construídos como “Biografemas”, que Bedin, são:

A noção de biografema, proposta por Roland Barthes, é uma potente estratégia para se pensar a escritura de vida aberta à criação de novas possibilidades de se dizer e, principalmente, de se viver uma vida.

(...)

Trata-se de outra postura de leitura, de seleção e de valorização de signos de vida. Ao invés de percorrer as grandes linhas da historiografia, a prática biografemática volta-se para o detalhe, para a potência daquilo que é ínfimo numa vida, para suas imprecisões e insignificâncias. (COSTA, 2010, P.6)

Busquei contar estes momentos como quem olha um álbum de fotografias, revisitando momentos e contando histórias, como quem se ex-põe de Larrosa, que se abre e se deixa frágil para se mostrar para o outro.

Figura: 01



1.1 APRENDENDO A ANDAR COM OS OLHOS

Quando criança frequentei minha escola, inicialmente duas escolinhas de arte do Brasil localizadas em Bagé-RS, Odessa Macedo e a Tia Leda, posteriormente fui para escola dos grandes, escola municipal. Mas também frequentava a escola onde meu pai trabalhava, de alguma forma conseguia perceber as nuances dos estares e dos papéis desempenhadas pelos profissionais que habitavam o ambiente escolar. Observava a postura de professores que não eram os meus, observava meu pai como professor e como diretor. Estas observações foram florescendo em mim a vontade de estar no ambiente escolar, rodeada de pessoas dispostas aos encontros e trocas.

Arquivo Pessoal

Figura: 02

1.2 BUSCANDO MAGIA EM MEIO A FOLHAS

Durante a adolescência optei pelo segundo grau com magistério na Escola Justino Costa Quintana (Bagé-RS). Havia dificuldades de entendimento e aceitação dos discursos e práticas. Estudei autores incríveis e conheci professoras sensacionais, em contraponto mimeografávamos inúmeras folhas e quando entrávamos em sala de aula a elas deveríamos recorrer e respeitar. Nos momentos de autonomia tive a oportunidade de perceber as magias no magistério, o brilho e a energia das crianças, as aprendizagens que se davam através das brincadeiras, das ludicidades. Criação de um mundo de encantos, de fabulações... boa parte de minhas colegas almejava cursar pedagogia. Mas minha aposta foi de que cursar artes me daria a possibilidade de dar mais cores e aventuras em minhas futuras aulas. Estas que com certeza não teriam folhinhas prontas, e sim uma imensa dedicação ao momento presente, as trocas...



Arquivo Pessoal

Figura: 03



1.3 PROFESSORES INCRÍVEIS – CRIAÇÃO DE AUTONOMIAS

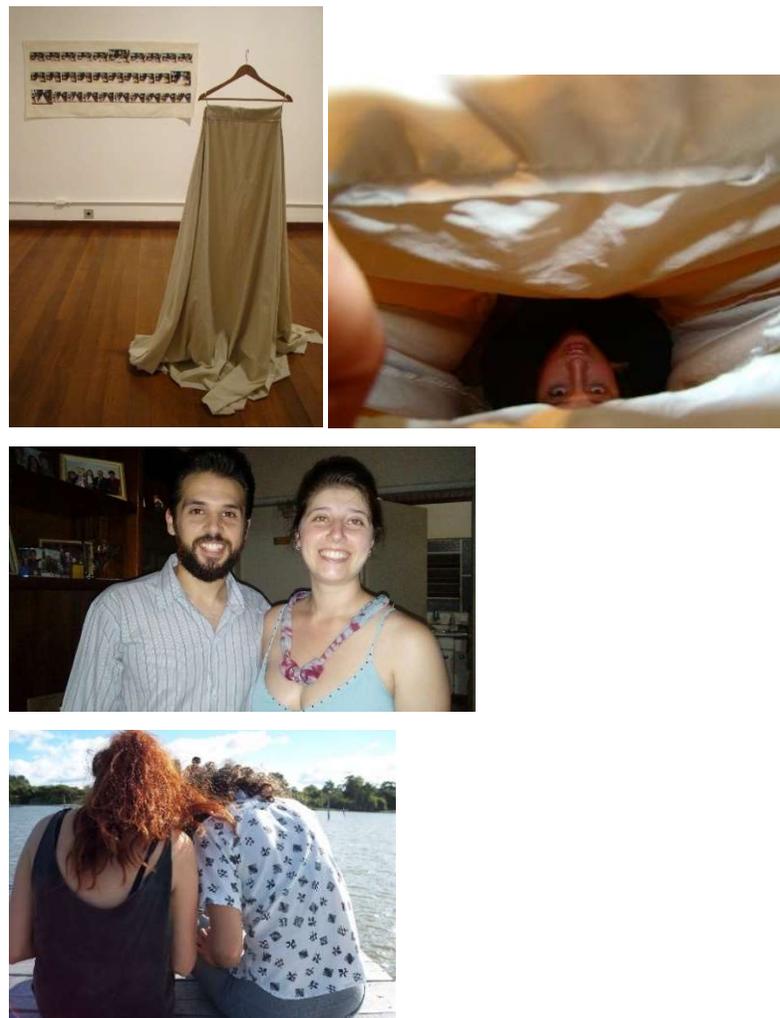
Depois na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, cursei Artes Visuais e ao final me tornei Bacharela em História, Teoria e Crítica, opção que fiz pelo gosto a criação e contação de histórias e pelas teorizações. Escolha que se deu por querer estar próxima as professoras que eu mais admirava, e que em diversos momentos me inspiraram. Me fizeram pensar: - Quando eu crescer quero ser como elas! Neste momento cito Claudia Paim (artista) que muito dedicou-se trabalhar com o corpo – ensinar através do corpo e com o corpo, um corpo performático, protagonista. Há professores que me fazem professora! Há demoramentos e amadurecimentos que me fazem professora.

Arquivo Pessoal

1.4 EDUCAÇÃO TAMBÉM SE FAZ DE AFETOS E TROCAS

Na sequência me aventurei no Mestrado em Processos de Criação e Poéticas do cotidiano na Universidade Federal de Pelotas – UFPel, lá me dediquei a produção poética e as pesquisas que envolviam corpo e paisagem, orientada pelas artistas Eduarda Gonçalves e Claudia Paim. E tive o privilégio de estagiar na FURG orientada pela minha coorientadora Claudia na disciplina “Atelier de Práticas na Paisagem” que almejava o estudo e práticas de intervenção e composição artísticas com a paisagem. Foi um estágio que parecia muito com um grupo de estudos muito dedicado, trabalhávamos com nossos pares, e falávamos com pessoas que cursavam a disciplina por opção, curiosidade ou aventura. Buscávamos coisas semelhantes: experiências corpóreas na e com a paisagem e pudemos caminhar juntos. No cronograma da disciplina havia inúmeros deslocamentos para paisagens esvaziadas da cidade e nestas deveríamos explorar ao máximo com proposições e experiências.

Figura: 04



Arquivo Pessoal

Este relato serve para contar que por muitas instituições eu passei, assim como tantos professores contactei. Uns professores foram mais significativos que outros, por suas disciplinas ou por seus modos de ser e ser professor. Do mesmo modo, nesta caminhada tive a oportunidade de aprendizagens e de me ver e me construir professora. Os professores que me constituem, que em mim habitam me fazem em diversos momentos refletir, negociar e a tangenciar a docência, duvidar de determinadas práticas, posturas e postulados. Neste aspecto encontro amparo e (des)conforto nas palavras abaixo:

O ofício do professor é exercido, ainda, em um tempo cíclico, quase camponês. O tempo deste é um ciclo em que tudo acaba, morre, desaparece, mas também é um tempo em que tudo volta, retorna, recomeça. Semeia-se, cuida-se, colhe-se, volta-se a semear, a cuidar, a colher. Depois da colheita chega o inverno (tempo de passividade, espera, como também de reparação e de preparação: das ferramentas, da terra, das forças) e depois do inverno a primavera volta e tudo recomeça. Cada temporada é a mesma e, ao mesmo tempo, outra (dependendo dos caprichos do clima e das contingências da vida). Uma colheita ruim é uma decepção, às vezes uma tragédia, mas você sempre pode esperar “tempos melhores”, e aí deve recomeçar. Uma boa colheita não garante que a próxima também seja assim. (LARROSA, 2018, P.35).

Acredito que a docência nos coloca em constante embate pessoal e profissional, uma construção/ reconstrução, experimentação, aprendizagens de si, consigo e com o outro. Estranhar-se sempre que novas situações são confrontadas e experienciadas.

2. CONSTRUÇÕES, CONCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS CORPÓREAS

CORPO CRIADOR

Com este corpo, grávido de eus, delineador de subjetividade eternamente emergentes, o ato criador – massa mesclada do pensamento com impulsos, emoções, sensações, afetos, memórias, imagens, vontades, desejos – se arremessa ao mundo de forma incisiva e decisiva.

O nosso corpo – matéria permeável entre os lados de lá e os lados de cá – é ponte, âncora, pedágio, para invenção de sentimentos. A circulação dos sentidos em todas as direções inventaria trânsitos de valores que parecem fixar o movimento da vida e, paradoxalmente, são destas amarras que o corpo faz tocar, vislumbrar, alcançar outros limites.

O corpo expressa uma crise constante absorvendo e extraindo as experiências sensíveis oriundas do mundo e, simultaneamente, povoando e devolvendo ao mundo experiências formalmente reconstruídas. Dentre as múltiplas direções que se oferecem generosamente para nós, a experiência criadora é fundação possível. O corpo é o primeiro e o último agente que atua sobre as matérias do mundo: estamos sempre no meio.

(...)

O corpo ocupa um lugar pontual no espaço e no tempo, mas igualmente ocupa uma região ambígua, imprecisa e estendida entre pontos de partida e pontos de chegada. Tal como o olhar ondulado pela linha do horizonte: sem começo, sem meio, sem fim, porém sempre começando, sempre chegando e inaugurando um lugar, em qualquer lugar. O corpo que se deseja criador, entrevê infintos cruzamentos atualizando um começo, um meio, um fim, presentificando uma nova temporalidade assentada na matéria.

O nosso corpo se localiza, se coloca, se desloca no espaço para um campo extensivo, se desloca do tempo para uma duração alongada: pontuações instantâneas da aspiração humana de permanência no espaço e abolição do tempo

(Derdyk, 2012, P.81/82)

A ideia de pensar sobre o corpo, deu-se na falta do mesmo em fotografias, mas também por perceber que eu experimentava aquela proposição. Estes trabalhos tiveram início no curso de bacharelado na FURG, na disciplina de Tridimensionalidade, onde eu instalava balanços pela cidade, na intenção de possibilitar ao transeunte experiências de um vento inventado. Em princípio percebia aquilo como um objeto-escultura, registrava esta inserção através da fotografia.

Figura: 05



Invento (2013)

Posteriormente analisando os registros, percebi que o objeto e o ambiente, tinham potências de propor experiências aos transeuntes interessados e disponíveis. A arte e minhas experimentações poéticas fizeram-me perceber a potência corpórea, a proposta tridimensional (instalação em zona arbórea) em meados de 2013, fizeram-me perceber a importância e a necessidade de atenção e percepção corpórea.

Após ter revisto algumas das minhas percepções corpóreas, busquei deixar-me disposta, disponível... encontrei palavras como experimento e experiência, me encontrei com os atravessamentos de Larrosa, as 5 peles de Hundertwaser e performances da Claudia Paim e me lancei em estudos sobre corpo na arte. Mas até então, estas eram questões que se encontravam e circundavam em mim, era minha responsabilidade enquanto pesquisadora refletir sobre estas questões em minha poética.

Atualmente me dedico as pesquisas sobre o corpo na arte, na educação... corpo e suas andanças, pois o mesmo se encontra por diversos lugares, ainda que adormecido, ainda que anestesiado pelo cotidiano corrido e pelas tarefas infindas.

2.1 VIAGEM PELOS TEMPOS E CONCEPÇÕES SOBRE CORPO

O corpo está na arte, bem como a arte está no corpo, um se servindo e se apossando do outro na medida em que lhe é oportuno no tempo e no espaço. Historicamente o corpo foi visto de múltiplas formas e experimentado de múltiplas maneiras. A ideia de corpo como objeto foi perseguida por diversos anos na história da arte e da humanidade, deixando resquícios mesmo no século XXI.

Na contramão da ideia de um corpo como objeto, encontramos em Merleau-Ponty, Fenomenologia da percepção, (2011, 136/137), “um corpo que é composto de tudo, composto do mundo e parte dele, (...) ao corpo não mais como objeto do mundo, mas como meio de nossa comunicação com ele, ao mundo não mais como soma de objetos determinados, mas como horizonte latente de nossa experiência, presente sem cessar, ele também, antes de todo pensamento determinante”.

Do mesmo modo que o corpo aos poucos deixa de ser considerado como objeto, assim acontece com a arte, que com o passar do tempo tem se afastado da ideia de uma arte como produto final e passou a pairar por diversos modos e meios. Quando a arte passa a ser processual, relacional, quando a mesma se torna vivencial, aproxima-se tanto da vida cotidiana que se confundem e hibridizam. Segundo Matesco, p. 47 “O debate do corpo como objeto de arte centra-se na impossibilidade da representação, pois se tiraria o “re” da representação, restando a apresentação.” Com a chegada da arte contemporânea o corpo começa a tomar novas proporções, ele passa a ser expressão/produção/significação em si mesmo. Segundo Viviane Matesco:

Na segunda metade do século XX o corpo é focalizado em happenings, ações, performances, experiências sensoriais, fragmentos orgânicos, o que afirmaria a noção de um corpo literal como singularidade da arte contemporânea. Essa noção foi desenvolvida pela produção e discurso crítico de arte em contraposição ao corpo idealizado expresso no nu. (...) Isso quer dizer que a concepção de corpo na cultura ocidental está intimamente ligada à questão da imagem e da representação. (MATESCO, 2009, p. 7)

Os saberes do corpo tornam-se indispensáveis e indissociáveis da prática e poética artística, um artista pode trabalhar de modo em que seu corpo/mente articulem-se, entre eles materializam-se ideias, proposições, ações... a arte pode então manifestar-se nesse entremeio, nesse espaço e tempo onde inicialmente só cabe o artista e suas relações com corpo. No contexto da arte dos anos 1960 e 1970 buscou-se uma experiência física, estética e cotidiana. Matesco, 2009, na página 8, escreve sobre o corpo: “Utilizado inicialmente como uma ferramenta para aplicar a tinta, o corpo desempenha papel principal na subversão dos tabus e interditos com a bodyart: seja como pincel, instrumento de libertação ou suporte de discurso, o corpo foi tratado como objeto, como algo externo e manipulável”.

Indo além da nossa condição de corpo, Morin nos coloca em intensa reflexão, ele afirma sermos sapiens e demens, pois no mundo somos ambos e não a dicotomia entre eles; somos razão e desrazão, somos felicidade e infelicidade.

A idéia de se poder definir o gênero *homo* atribuiu-lhe a qualidade de *sapiens*, ou seja, de um ser racional e sábio, é sem dúvida uma idéia pouco racional e sábia. Ser *Homo* implica ser igualmente *demens*: em manifestar uma afetividade extrema, convulsiva, com paixões, cóleras, gritos, mudanças brutais de humor; em carregar consigo uma fonte permanente de delírio; em crer na virtude do sacrifício sanguinolento, e dar corpo, existência e poder a mitos e deuses de sua imaginação. (MORIN, 1998. p.7)

Dar corpo, ter corpo, ser corpo, significa compreender e ativar nossa corporeidade, aceitar e trabalhar nossas contradições e complementaridades que nos constroem. O fragmento de Morin e suas ponderações ajuda-nos a refletir sobre nossas condições de ser e de estar no mundo, nossa condição corpo, homo... e tantas outras que nos igualam e nos fazem seres únicos, seres criadores, propositores, seres de experiência e saberes.

É de grande importância compor um corpo, criar consciência, o artista Hundertwasser auxilia nesta composição com a teoria das 5 Peles. Segundo o artista, nosso corpo é composto de 5 peles, 5 camadas, permeáveis e complementares.

2.2 COMPONDO UM CORPO COM HUNDERTWASSER

Hundertwasser viveu entre 1928-2000, foi um artista múltiplo, aventurou-se por diversas linguagens sem fidelidade às técnicas, buscando em sua arte e vida principalmente a ética humana. Também é conhecido como médico da arquitetura, pois projetou para Viena (cidade natal), inúmeros condomínios populares, onde cada apartamento diferencia-se um do outro desde a maçaneta. O artista compreende a individualidade como algo muito importante, singular, atentava ao que ele chamava de “direito de janela”, uma reivindicação para que o homem se deixe levar pela criatividade em harmonia com a natureza.

Seguindo nas reflexões e composições sobre o corpo, podemos unir Merleau-Ponty e Hundertwasser, e com eles constatar que nosso corpo é um composto de tudo, somos nós e somos tudo, tudo cabe em nós ao mesmo tempo em que somos uma mescla de tudo que há no universo, nosso corpo serve para mostrar-nos isso, assim como para traçar diálogos com o todo. Hundertwasser traça inúmeras relações entre a arte e a vida. Pierre Restany, em Hundertwasser O Pintor-rei das cinco peles, na página 7 escreve: “É sobre a outra face da arte que se reagrupam os criadores inspirados em linguagens polivalentes que assumem a transversalidade das mensagens da arte contemporânea, e a sua crescente integração na dinâmica existencial da vida quotidiana.” O artista buscou coerência e simbiose entre sua vida e arte, cogitou que nosso corpo fosse composto de cinco peles, são elas: epiderme, roupas, casa, social e global.

- Primeira Pele: A Epiderme - O primeiro nível corresponde ao nível mais essencial da nossa existência, o mais orgânico. O ser humano ao nascer completamente nu, nasce dentro da sociedade, com a pele exposta, e acaba só alcançando uma posição social através do que ele constrói em cima do seu corpo, o corpo e a imagem dele são duas coisas diferentes e separadas.

- Segunda Pele: O vestuário - As roupas são uma forma de passaporte social, diante do vestuário o indivíduo busca seu papel na sociedade. Hundertwasser inicia a fabricação de suas próprias peças de roupa, desta forma denuncia a tirania da moda.

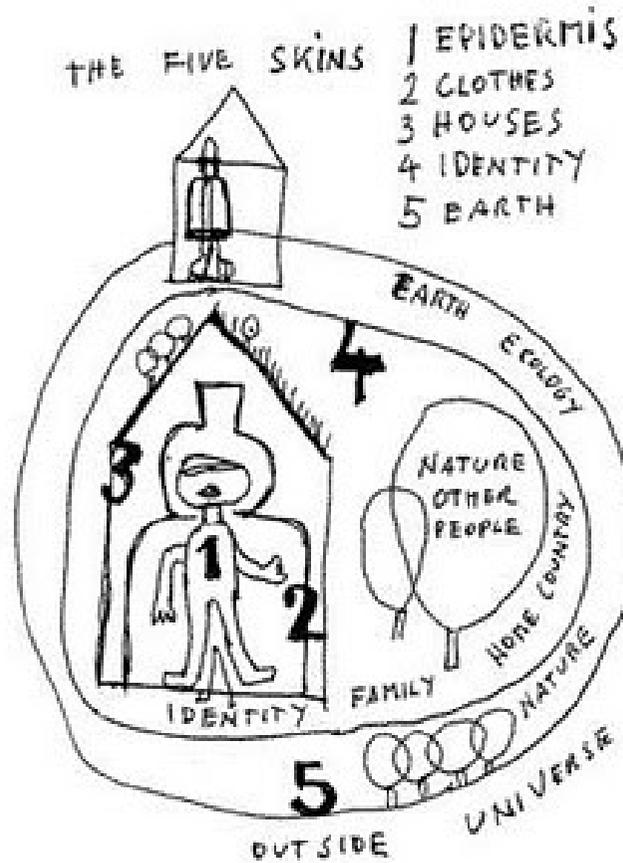
Quando nos vestimos todos da mesma forma, seguindo padrões e tendências, acabamos por sermos seres anônimos na sociedade, sem termos nenhuma individualidade, sem podermos ser originais e criativos.

- Terceira Pele: A Casa do homem - Como médico da arquitetura , Hundertwasser abordou o problema ser humano-natureza no ato de construir e exercer sua criatividade sobre o tecido urbano, criando desta forma uma casa junto aos pedreiros, ladrilheiros e outros profissionais da área da construção, que tiveram total liberdade no exercício da criatividade individual, usando alinhamentos irregulares de janelas, integração espacial com árvores, construção de telhados vivos, colunas barrocas entre outras coisas.

- Quarta Pele: O meio social e a identidade - O social se estende ao conjunto de grupos associativos que gerem cidade de uma coletividade. A nação oferece uma trama mais densa dessa pele. O artista ao constatar a força da ideia nacional sobre os cidadãos se interessou pelos sinais que distinguem a identidade.

- Quinta Pele: O meio global - ecologia e humanidade - Hundertwasser reafirmou o objetivo principal da sua ação : proceder de forma a que o homem possa livremente exercer, em harmonia com a natureza, o seu direito a viver em espaços felizes. seu projeto de sociedade é acima de tudo a sua criação pessoal.

Figura: 06



Hundertwasser As Cinco Peles De Um Homem, 1998. Nanquim sobre papel, 29.7 cm x 20.9 cm.

De posse das definições das 5 peles de Hundertwasser, podemos compreender que nosso corpo é este composto de camadas que se intermeiam e se completam, camadas que também são intermeadas por espaços e seres com que convivemos. Passo a compreender o corpo como este composto permeável que se completa na dependência de outros indivíduos, de outros seres e estares que nos preenchem e nos mutam.

2.3A ARTE E O CORPO NA ESCOLA

Na contemporaneidade a aposta é em um ensino/aprendizagem que seja atravessado pela experiência. Mirian Celeste Martins escreve: “O corpo é a porta de entrada de todo conhecimento e por isso o entendimento corpóreo se faz fonte de conhecimento. (...) Este horizonte do papel primordial do corpo nos processos de percepção e cognição singulariza uma questão para processos educativos: a experiência sensível do corpo”. (MARTINS, 2012, P.35)

Mesmo que toda a educação seja corporal, ainda observamos a situações de repreensão do corpo, punições de movimentações corporais, como ficar sentado de castigo, não poder correr no intervalo... e propostas educacionais que valorizam apenas o saber cognitivo, o uso isolado da mente, sem pensar propriamente no corpo. Desta forma a corporalidade vira um tabu, um instrumento de dor, já que a expressão corpórea não é valorizada. Usa-se como punição o não-movimento dos alunos e como recompensa a liberdade de movimentar-se. Embora a educação escolar seja muitas vezes uma educação punitiva ao corpo, sabemos que nenhum estudante deixa de pensar nele e de usá-lo como objeto de suas questões, pois não há como diferenciar o corpo da pessoa que ele é. Maria Rita Kehl, em seu artigo “O eu é o corpo”, comenta: existe [aí] um paradoxo interessante, porque dizemos sempre “meu corpo”, como se existisse um eu em algum lugar externo ao corpo que é dono desse corpo, porque não existe nenhum eu em nenhum outro lugar que não seja o próprio corpo. Quer dizer, o eu é o corpo (p.110).

Então a pergunta que nos resta como educadores é: Como trabalhar o corpo e suas questões? Como ativar corpos? Como sensibilizar corpos? Como amadurecer?

Falar de uma educação do corpo, é falar de uma aprendizagem humana, é aprender de maneira humana (por isso existencial) a ser homem, a existir como ser humano. Falar de uma educação do corpo é explicitar a corporeidade. (MOREIRA, 2002, p.135)

Devemos lembrar que não podemos trazer o “corpo” para dentro da sala de aula, porque ele já está lá. Devemos ter em mente que somos seres corporais, e para trabalharmos essas questões com os estudantes, nós professores, devemos ter uma relação saudável com o nosso próprio corpo, antes de exercitarmos isso em nossa docência. Como professores de Artes visuais, precisamos nos abrir para experimentações como corpo, percebendo que somos seres ativos, vivos, de corpo pulsante e preenchidos de todas as experiências sensoriais possíveis. Beatriz Ferreira Pires, (2003, P. 20), salienta: Sabemos que antes de qualquer opinião, estética ou não, o que primeiro nos invade é a sensação, e que a base de todas as sensações é o corpo físico. É através dele que estabelecemos nossas relações com tudo o que é externo a nós, e é através dele que, mesmo inconscientemente, se manifesta tudo o que é interno a nós.

Nossa experiência é fundamental, fundante, Larrosa em seu texto “*Notas sobre a experiência e o saber de experiência*”, propõe que pensemos na educação a partir do par experiência/sentido, e ele comenta que: a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Portanto, ao vivermos em uma sociedade da informação, onde apenas vemos a experiência dos outros e nós nunca a vivenciamos fica difícil trabalhar com a experimentação.

O sujeito da experiência é o sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição”(nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou impõe, ou se propõe, mas não

se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA, 2016, P.26)

Ao falarmos sobre o corpo, e sobre ele como objeto artístico é inviável não pensarmos também sobre as questões de experiência. Todo o corpo é um objeto de experiência. É com ele que sentimos, conhecemos, vivenciamos e praticamos de tudo. Para se ter uma experiência sensível do corpo é preciso ter um corpo atento e disposto. É preciso estar disposto a saborear o saber, como nos explica Duarte Jr.:

Assim, parece pertinente estabelecer-se uma distinção entre o inteligível e o sensível, ou em outras palavras, entre o conhecer e o saber. O inteligível consiste em todo aquele conhecimento capaz de ser articulado abstratamente por nosso cérebro através de signos eminentemente lógicos e racionais, como as palavras, os números e os símbolos da química, por exemplo; e o sensível dizendo respeito à sabedoria detida pelo corpo humano e manifesta em situações as mais variadas, tais como o equilíbrio que nos permite andar de bicicleta, o movimento harmônico das mãos ao fazerem soar diferentes ritmos num instrumento de percussão, o passe preciso de um jogador de futebol que coloca, com os pés, a bola no peito de um companheiro a trinta metros de distância, ou ainda a recusa do estômago a aceitar um alimento deteriorado com base nas informações odoríficas captadas pelo olfato. Conhecer, então é coisa apenas mental, intelectual, ao passo que saber reside também na carne, no organismo em sua totalidade, numa união de corpo e mente. Neste sentido, manifesta-se o parentesco consanguíneo do saber com o sabor: saber implica em saborear elementos do mundo e incorporá-los a nós (ou seja, trazê-los ao corpo, para que dele passem a fazer parte.) (Duarte Jr., 2001, P.127)

3. APRENDENDO COM E PELO CORPO – ESTÁGIO DOCENTE

Este espaço será destinado a reflexões dos estágios: presencial no Ensino Fundamental, séries finais; virtual no Ensino Médio/técnico. Este período nos serve como teste e preparação para exercer nossa profissão, nos serve para que adentremos a escola em diferente posto, e saíamos com diferentes percepções e perspectivas.

Para mim serviu mais do que tudo para compartilhar minhas crenças na arte, novos modos de fazer, experienciar e criar a arte. Também para compartilhar meus conhecimentos acerca da arte, do cotidiano, do corpo... das poetizações possíveis no mundo, das experimentações possíveis no corpo e na arte. Serviu para eu me ver professora, madura, doando o que eu tinha e intermediando o que acontecia.

3.1 ENSINO FUNDAMENTAL:

O estágio é uma disciplina e um momento obrigatório na formação de licenciandos, ele ocorre da metade para o final do curso, preferencialmente em escolas da rede pública na cidade de Porto Alegre - RS. Este estágio em questão ocorreu no ensino fundamental – séries finais, onde permaneci na escola por volta de 2 meses ao final do ano de 2019. Minha opção por analisar as experiências com este estágio, se dá pelo fato de o mesmo ter acontecido de forma presencial (pré pandemia), bem como o distanciamento temporal para o amadurecimento de reflexões sobre alguns acontecimentos.

No estágio de 2019 me dediquei a trabalhar a “Consciência Corpórea” com o ensino fundamental, séries finais. O estágio teve seus percalços, mas também teve seus momentos de revelação, entrega e aconchego junto de seu próprio corpo. Alguns estudantes reclamavam que o corpo é conteúdo de biologia, outros diziam que o único suporte de arte era o papel e o lápis.

Meu intuito primordial era tentar mostrar e pensar o corpo como possível suporte da arte, o corpo como conteúdo de vida, não encapsulado em uma determinada disciplina, mas frequentador de todas, atuante, protagonista,

O estágio despertou em mim algumas mudanças, destas destacarei as mais positivas. O assunto escolhido por mim para trabalhar foi o corpo, me dediquei a observar os corpos e a instigar os estudantes que também observassem, refletissem e até mudassem alguns hábitos e concepções. Minhas primeiras observações foram que os estudantes se portavam muito bem, mesmo quando longe de seus professores. Logo constatei que a escola propõe aprendizados o tempo inteiro, mesmo que estes não sejam orientados. Os estudantes estão (quase) sempre de olhos e ouvidos atentos, aprendendo uns com os outros nas suas relações.

Meu período na escola foi atravessado por inúmeras festividades, de início achei curioso o porquê de tantas comemorações. Aos poucos fui me aproximando dos estudantes, dos eventos e tentando trocar algumas lentes que eu utilizava quando se tratava de educação, ensino, escola... com o tempo fui me deixando participar inteiramente. Aos poucos descobri que muito se aprende dentro da escola e fora da sala de aula, ainda que na escola distante das orientações dos professores, ainda que na escola rodeado de amigos e espontaneidade. Descobri que as festividades se davam como portais, uma abertura maravilhosa, onde todos ganhavam luz, espontaneidade e protagonismo, onde as aprendizagens se davam de formas mais leves, lúdicas. Observei as aprendizagens acontecendo nas relações, trocas...

As reflexões sobre portais, se deram em meados de 2019, quando fui a uma Feira Celta (São Leopoldo RS). As culturas antigas me encantam pela simplicidade e complexidade. Sentada, assistindo aos acontecimentos, aos fluxos e a tantas pessoas... Refleti sobre a disponibilidade corpórea, demonstrada nas fantasias, vestimentas, danças, comidas... disponibilidade para a magia, a fantasia, a invenção, poéticas, experimentações. A magia me cativa e tive a impressão de ter sido engolida / capturada / seduzida por uma espécie de portal, um portal lúdico.

Podemos dizer que um portal é uma suspensão, um rasgo no cotidiano, uma abertura para outro lugar e tempo, podemos relacionar o Portal lúdico a um acontecimento, situação... também conectar ao Happening, arte como acontecimento, e porque não a uma Aula acontecimento?

As festividades na escola se sobrepuseram aos meus planos de aula, eram comuns na escola e muito aguardadas pelos estudantes. Então comecei a direcionar meus interesses as questões lúdicas, criativas e jogos. Huizinga (2019) – nos diz que o jogo é uma espécie de ritual, onde se cria uma separação do tempo e espaço rotineiros.

Se precisamos de uma suspensão na rotina, um lugar fértil para produzir estes deslocamentos, poderia ser a escola, encarando como um espaço que por vezes se constitui como mundo à parte, como possível mundo da fantasia. O ambiente escolar é potencialmente o lugar da fantasia, de se abrir portais, pois é fonte de experimentos e experiências, de fazer coisas que não faríamos em outros lugares que não na escola. Lugar de nos liberarmos de algumas amarras, questionar determinadas convenções e de nos experimentarmos outros. Também é o lugar do criar, inventar, imaginar, construir, fantasiar, relacionar e experimentar o corpo.

Acredito que existam momentos em que a arte se apresenta em nós, ou a vida conversa conosco através da arte, Nicolas Bourriaud ajuda-nos a entender isso no livro *Formas de Vida* (2011) onde descreve sobre *Biografema*, que seria um acontecimento, disparador de criação, de criatividade. Marcadores de tempo que se desdobram em proposições e materializações artísticas. Poderíamos pensar que um biografema pode ser um portal. Também podemos pensar que este portal é constituído de nosso estado poético, como escreve Morin:

O estado poético pode ser produzido pela dança, pelo canto, pelo culto, pelas cerimônias e, evidentemente, pelo poema. Fernando Pessoa dizia que, em cada um de nós, há dois seres. O primeiro, o verdadeiro, é o dos nossos sonhos, que nasce na infância e que continua pela vida toda. O segundo ser, o falso, é o das aparências, de nossos discursos, atos, gestos. (Morin, 1998, p.36)

Em minhas reflexões, aprendizados, andanças ... gosto de pensar que este estado de suspensão, este portal nos leva ao estado poético de Morin. Mas também gosto de me amparar em Eduardo Galeano em minha construção de ser, pois sonho em ser a mulher de Oslo, que canta e conta.... em sala de aula, em sala de vida, que carrega suas experiências e as faz contagiante para outros.

Livro dos abraços – Eduardo Galeano –

A paixão de dizer / 1

Marcela esteve nas neves do Norte. Em Oslo, uma noite, conheceu uma mulher que canta e conta. Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papeizinhos, como quem lê a sorte de soslaio. Essa mulher de Oslo veste uma saia imensa, toda cheia de bolsinhos. Dos bolsos vai tirando papeizinhos, um por um, e em cada papelzinho há uma boa história de fundação e fundamento, e em cada história há gente que quer tornar a viver por arte de bruxaria. E assim ela vai ressuscitando os esquecidos e os mortos; e das profundezas desta saia vão brotando as andanças e os amores do bicho humano, que vai vivendo, que dizendo vai. (GAELANO,2002, P.12)

Minha construção de professora é composta de encantamentos e anseios, de magias e realidades assombrosas. De escolas não lugares, paisagens difíceis de se ocupar. Ao longo das minhas andanças aprendi que um professor apaixonado tem potência para apaixonar seus estudantes, um professor inspirador é contagiante.

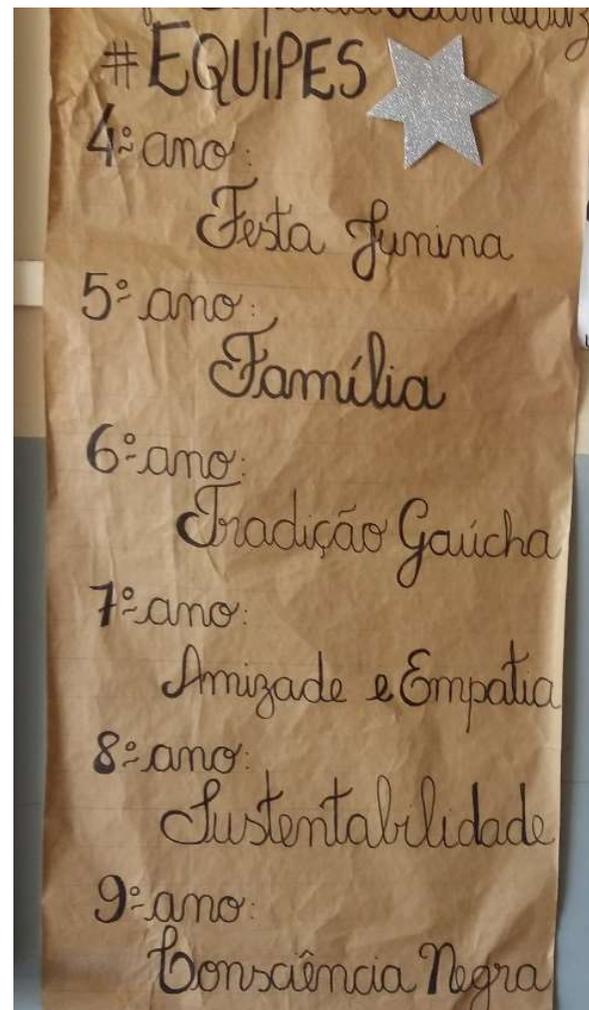
Aproximações / Observações (Toalha)

Quando cheguei a escola tive a oportunidade de observar o sexto, sétimo, oitavo e nono ano, por 3 manhãs inteiras. Estavam muito empolgados em pintar uma toalha de mesa. De início achei pouco usual pintar uma toalha de mesa para uma gincana. Aos poucos entendi que era uma demanda observada pelos próprios estudantes. Eles diziam: - A escola faz muitas gincanas e festas e nunca tem uma toalha bonita para colocar sobre a mesa das comidas.

Os estudantes inicialmente escolheram as temáticas, que foram selecionadas pelos professores e sorteadas pela diretora, na figura ao lado se observa as temáticas de cada ano (cada ano possui uma turma, com média de 20 estudantes).

Em diversos momentos de pintura, conversamos, e muitos interesses e pesquisas se deram a partir da temática de cada ano. O envolvimento com assuntos fez com que os estudantes de movimentassem em busca de conhecimentos.

Figura: 07



Registro do mural da escola

A primeira proposta, foi uma dinâmica de apresentação. Os estudantes deveriam pegar num recipiente um papel onde havia um sentimento ou sensação escrito. Deveriam apresentar seu nome através daquele sentimento ou sensação de modo teatral, poderiam utilizar o ambiente e alguns colegas caso necessário. Os demais deveriam adivinhar de que se tratava. A cada acerto ganhavam a caneta para que colocassem no quadro palavras que se relacionassem ao corpo. Posteriormente discutimos sobre as palavras escolhidas, seus conceitos, definições e justificativas. Foi uma experiência encantadora, como escreve Larrosa:

A palavra “experiência” nos serviu e nos serve para nos situar num lugar, ou numa intempérie, a partir da qual se pode dizer não: o que não somos, o que não queremos. Mas nos serviu também para afirmar nossa vontade de viver. Porque se a experiência é o que nos acontece, o que é a vida senão o passar do que nos acontece e nossas torpes, inúteis e sempre provisórias tentativas de elaborar seu sentido, ou sua falta de sentido? A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que a estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vê-la. Por isso, colocar a relação educativa sob a tutela da experiência (e não da técnica, por exemplo, ou da prática) não é outra coisa que enfatizar sua implicação com a vida, sua vitalidade. Mas como? E sobre tudo de que outro modo? (LARROSA, 2016, P.74)

Juntos aos questionamentos de Larrosa aos meus: Como minhas experiências pessoais- artísticas- pedagógicas entram no ambiente pedagógico? Como as faço atravessar outros seres?

As Contações sobre estágio, as experiências de aprender com e pelo Corpo, me fazem refletir sobre as experiências de vida - experiências artísticas - experiências escolares, seus atravessamentos, composições, justaposições. Me fazem pensar em criar situações – acontecimentos que propiciem a disponibilidade corporal para atravessamentos.

Na tentativa de aproximar os estudantes da temática corpo, da arte e compartilhar meus conhecimentos, levei alguns artistas como Claudia Paim e Hundertwasser, que são minhas referências de pesquisa e produção.

Figuras: 08 e 09



Claudia Paim – Série: Corpopaisagem

A artista Claudia Paim, transita por inúmeras paisagens, bem como por diferentes cidades. Sua série intitulada Corpopaisagem demonstra a integração do corpo ao espaço, num corpopaisagem. Deste modo percebemos a importância da presentificação no espaço – tempo, assim como a reflexão sobre o espaço que ocupamos de forma humana, física e psicológica. A série nos convida a pensar: Como meu corpo se coloca e se relaciona com o espaço em que ocupo?

Além da artista performer Claudia, apresentei o artista Hundertwasser que propõem teoria sobre nossa composição corpórea. No que se refere ao entendimento corpóreo o artista Hundertwasser, ilustra sua teoria com as 5 peles/camadas, nos permitindo compreender o quão complexo e complementar pode ser nossa compreensão corpórea.

Figura: 10



Hundertwasser: Vestimenta

Estes artistas, suas propostas e registros nos convidam a pensar sobre nossas relações corpóreas, sobre a atenção e aprendizado que podemos ter através de experiências, atravessamentos. Pensar as nossas aprendizagens e experiências, nossas conexões corpóreas é fundamental para que isso adentre a sala de aula de modo fluido e consciente. Para se ter uma experiência sensível do corpo é preciso ter um corpo atento e disposto.

3.2 Ensino médio/técnico

O que aprendi sobre docência nas artes visuais no ensino médio durante a pandemia?

As aprendizagens sobre a docência se cercam de experiências, acontecimentos, vivências, práticas... em boa parte é a aprendizagem que se dá nos encontros com as situações e seres. Somos confrontados com acontecimentos, reagimos e avaliamos nossas condutas e aplicamos as mudanças necessárias. Minhas crenças vão em direção a uma aprendizagem que se dá no coletivo, onde o conhecimento não se centraliza no professor, onde os estudantes se ajudam, um complementa a aprendizagem do outro, grupos de estudos colaborativos, a socialização nos traz muitos aprendizados.

Meu estágio obrigatório de ensino médio ocorreu no IFPI – Instituto Federal do Piauí, de forma remota. Deste modo acompanho as propostas e tarefas disponibilizadas para os estudantes no Google Sala de aula (Google Classroom) e WhatsApp. Também acompanhei o professor, titular das turmas, ele é licenciado em Educação Artística com duas habilitações: 2004 desenho e 2007 artes plásticas. O mesmo totaliza vinte anos de docência, começou como professor substituto na rede estadual do Piauí, está há seis anos no IFPI.

Além do distanciamento social, meu estágio está permeado pela distância regional, física e quase continental. Neste momento estou escrevendo por vezes de Novo Hamburgo, Rio Grande ou Bagé, nesta etapa da minha vida são estas minhas

idades de circulação, sendo as duas últimas o sul ao sul. O deslocamento virtual até o Piauí me preocupou, na minha ideia, tudo seria muito diferente, pois estamos nos extremos de um país. Aos poucos fui me assustando em perceber nossas similitudes, ainda que em polos de um mesmo país, habitamos o interior. Conhecemos as capitais e sabemos que os recursos vão se esvaindo até chegar nos interiores. Tudo que chega ao interior é menos, menor, mais escasso...

Ao interior cabe pensar que lá moram os afetos, em nosso interior mora tudo de querido a nós. No interior o tempo é relativo, diferente da noção de tempo que temos na região metropolitana e ainda mais diferente da percepção de tempo que criamos na pandemia. O tempo relógio, o tempo trabalho... nossa organização do tempo mudou, parece que a vida foi engolida pela falta de tempo, parece que temos todo tempo disponível porque estamos em casa, também parece que trabalhamos o tempo inteiro. No interior o professor conhece o estudante e sua família, por vezes o acompanha durante quase toda a sua formação, cria aprendizados, cria laços, cria afetividades.

O ensino remoto emergencial, possui características diferenciadas e não deve ser um simulacro da aula presencial. A autora Angélica Vier Munhoz, nos convida a pensar:

XI

Uma aula na frente da tela ainda é uma aula? Nenhuma forma se garante por si. Até porque em uma aula tudo são artifícios: o quadro, as cadeiras, as tecnologias. Nada está dado.

Ao professor cabe criar atmosferas e dar presença ao corpo. Apresentar alguma matéria, assinalar algum estudo, ler um poema, falar aos seus alunos, escutá-los atentamente, mover os braços - são gestualidades que não estão atreladas a um dever docente, tampouco a uma competência, habilidade ou conhecimento que se adquire. Trata-se de uma estilística singular, reinventada a cada tempo ou lugar.

XII

De fato, muitos dos gestos da docência configuram automatismos, engessamentos que se lhe antepõem. Presenciais ou virtualizados, ao desprover-se de expressividades, tornam-se mecânicos, funcionais, falhos de vitalidade.

XIII

Uma aula também é um espaço-tempo de um viver junto. É possível viver junto em meio a telas? O viver junto barthesiano [vii] compreende uma ética da distância entre os sujeitos que coabitam o espaço, mas trata-se de uma distância atravessada por afetos.

Viver junto em uma aula virtual também é isso?

XIV

O retorno a um 'como antes' começa a surgir. E eu digo 'não voltarei', porque está claro, tudo mudou. (Munhoz, 2020, P.12)

Com o distanciamento e as aulas on-line, muitos professores postam seus conteúdos e recebem de volta uma resposta, um produto final, que não se sabe como o mesmo foi construído. Já faz um tempo que a arte deixou de atentar ao produto final, para olhar também para o percurso, para o processo criativo e compreendê-lo como parte igualmente importante. Acompanhar um processo criativo e/ou educacional é de fundamental importância, ou teremos que nos adaptar e pensar em como avaliar o produto final? É justo avaliar um produto finalizado?

Em outro estágio (1.4) acompanhei e ministrei aulas junto a professora Claudia, ela me propôs a seguinte situação: fixaremos um lugar de partida e de chegada? Ou fixaremos um lugar de partida e observaremos e auxiliaremos cada um em seu percurso? Confesso que ainda penso muito sobre isso. Na rotina da escola pré-pandemia já era difícil acompanhar o percurso de todos os estudantes, agora no modelo remoto e híbrido sabemos que teremos diversas perdas, mas não mensuramos as faltas de acompanhamento, crescimento, e atenção que serão perdidas pelos percursos. Não teremos a oportunidade de exercitar nosso olhar e dedicar mais tempo, ou mais informações para este ou aquele estudante.

3.3 Retorno

Iniciamos maio de 2021 assistindo a reportagem que noticiam a morte de mais de 400.000 pessoas, mais de mil ao dia. Aos poucos parece que alguns foram se acostumando a assistir e a promover a barbárie, para quem não tem muita noção é um desastre que exterminaria mais do que Bagé e Rio Grande. No mesmo maio, na mesma semana nosso governador anuncia o retorno a aulas, iniciando pela educação infantil.

Todos sentimos saudades de momentos e situações passadas, sentimos falta de não perceber outro ser humano como um risco a nossa saúde. Todos de alguma reforma queríamos que algumas coisas retornassem. Mas convenhamos que nem tudo precisava voltar a ser como era antes da pandemia. Estamos há tanto tempo em casa, repensamos tantas coisas e as reavaliamos, as importâncias, os valores... quanto vale uma vida? Quantas vidas cabem em uma escola? Quanto vale uma escola? Todos nós que já adentramos uma escola, sabemos da importância dela, na construção de conhecimento e cidadania, reforço da boa socialização, da assistência de saúde e alimentação. A escola é uma instituição permeada de positivities e desafios. Todas sempre têm o que melhorar, assim, como nós professores. Mas neste momento sabemos que a escola é passaporte para aglomeração e transmissão da covid 19. Tenho um amigo que foi acometido pela doença, ficou internado, perdeu parente. Ele também é artista e ilustrador, e neste momento nos apresenta a charge “Retorno”.

Figura:11



Alisson Ortiz Affonso
Retorno, charge, tam a4, aquarela e marcadores...

(desabafo)

Eu tenho medo!

Eu tenho medo do retorno das escolas!

Eu tenho medo do retorno do professor / marido para escola!

Eu tenho medo do contágio!

Eu tenho medo pela minha família!

Eu tenho medo pelas diversas famílias!

Eu tenho medo pela vida!

Quanto vale uma vida?

Qual valor de uma vida?

Qual o valor de 430.00 vidas?

Atualmente eu tenho muito medo!

Fico pensando nas pessoas que perdemos, estudantes, parentes, vizinhos... me choca a não perplexidade! Ficamos encasulados e alarmados, pouco a pouco ficamos doentes, encapsulados em nossos corpos enfermos. Lembro performance "Infimo" da artista Claudia Paim, apresentada no Encontro Ruído.Gesto ação & performance - Prédio das Artes Visuais da FURG - Rio Grande-RS em 06 outubro 2016, o registro pode ser acessado no site abaixo:

<https://www.claudiapaim.site/infimo> junto ao registro a artista nos coloca os seguintes questionamentos: "O corpo que apresenta limitações e torna difícil até mesmo o gesto mais comum. Que potência tem este corpo? Como ele ainda pode falar?" A artista nos leva a pensar e questionar o que pode um corpo? Seus limites? Como cada corpo executa tarefas cotidianas? A morte diária de um corpo. Hoje sei o quanto acompanhar esta performance doeu, e serve para que atualmente tenha distintas percepções sobre a vida, a artevida e a morte. O texto de angélica Munhoz complementa estas reflexões sobre nossos corpos:

VII

Sofremos com a falta de pele. O corpo do outro se tornou um poder de morte. Poderíamos traçar uma geografia do toque, com base na distância e no perigo que o outro pode representar. A falta do toque agora é visível - o que talvez não fosse antes. Pouco a pouco, esvazia-se o corpo de contato tátil.

VIII

A crise é corporal. O corpo confinado entra em colapso a uma velocidade incrível. Mas, se confinados estamos, é preciso inventar um "lado de fora"[v].

IX

De tudo isso, deriva a experimentação. O ouvido torna-se mais agudo (os fones convertem-se em próteses do corpo), a voz é mais exigida. Os olhos embaçam de tanto fixar a tela.

Os dias às vezes viram noites e as noites viram dias. O cotidiano se reconfigura. O vírus insiste, persiste, mas passará, é fato. Nós não passaremos. (Munhoz, 2020, P.12)

Nossa crise é corporal, é vivencial, nossa saúde está sendo testada dia após dia, é viver e sobreviver.

Considerações Finais

“À medida que vivemos nossas fantasias, nós criamos a realidade por onde quer que sigamos.”

Jerry Rubi

A construção deste texto foi pensada a partir das etapas da minha construção como professora, profissional, pessoa, artista, pesquisadora... pensando nas interfaces que foram se sobrepondo e se somando a mim durante minhas formações. Foi como cartografar meus percursos, formações e experiências, e destacar os principais atravessamentos, os biografemas. Olhando para trás com as lentes de hoje para contar para quem não me conhece o que foi mais importante nestas etapas.

Pensar na palavra estágio, é também acessar a ideia de em um estágio da vida, um momento, este texto mesclou fragmentos da minha vida, contações sobre o estágio docente, presencial e remoto. Levantamentos e contações sobre o corpo na história, na vida, na arte, na escola...

Desde a minha primeira formação em História, Teoria e crítica (FURG) o que mais almejo é contar histórias, entrelaçando teorias e acontecimentos, Vitor Ramil disserta sobre sua percepção de história, dizendo: “Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história;” (RAMIL, 2004). Toda história merece ser colocada a luz e contada com afinco, desde que haja personagens vivos e vivificantes, seres inspiradores.

No cotidiano, na rotina, encontramos seres inspiradores, professores contagiantes, pessoas dispostas a partilhar seus conhecimentos de forma encantadora. A escola é um espaço de potência, de descobertas, experimentações, ludicidade... A escola educa, ensina, o tempo inteiro, mesmo quando o estudante não está em sala de aula, educa quando entra em greve, faz refletir sobre seus posicionamentos e negligências. Educa quando decide não abrir para proteger seus professores, funcionários e estudantes. Acho que os professores nunca trabalharam e se desafiaram tanto como em tempos de pandemia,

novas mídias, novas tecnologias, novas plataformas, muitas já conhecidas, mas não utilizadas em trabalho. Cada dia mais horas trabalhadas em múltiplos locais virtuais de trabalho.

O corpo que iniciamos falando dele, ficou cada dia mais esquecido, a não ser pelo cansaço, dor nas costas... aos poucos foi se fazendo presente e nos fazendo levar que é nossa primeira e primordial casa. Neste momento o cuidado tem sido a palavra que ressoa em minha cabeça e que todos os dias eu pronuncio ao abrir a porta.

O texto a seguir foi escrito para Luciana Loponte, sob o questionamento “Quem sou eu na pandemia”:

Tempos de Pandemia

Eu sou o dissenso, de quem quase mora na metrópole, mas vive no campo, na planície, no pampa... entre o silêncio engrandecedor da campanha e silêncio vazio e barulhento da metrópole.

sou quem vive entre domingos diários, ritmo vagaroso, demorado, sem relógio, e a turbulência desenfreada de quem corre e não sabe o porquê.

Sou quem vive nas lonjuras, na saudade, no desencontro até consigo mesma. Quem vive no mal estar de um corpo não saudável, quem se esquece de ser feliz, se deixa levar pela anestesia dos dias, das notícias, da distância do pago.

O relógio atormenta, os prazos chegam e a vontade está estagnada nem sei aonde, anda difícil de encontrá-la. A angústia ocupa muitos dias e horas, se ocupa de mim, se ocupa das saudades e das perdas.

A vida parece que parou... o novo "normal" é um completo absurdo, é estarrecedor.

O virtual não me serve.

Quero me ocupar das aprendizagens corporais, vivências e experiências.

Me sinto paralisada vendo a vida.

Me sinto fora do tempo, fora de órbita e tem dias que nem sinto.

Meus estudos sobre corpo me atormentam diante desta paralisia.

Meu corpo doente me paralisa e consome, num eterno ciclo de adoecimentos que mudam de lugar em mim.

A cada novo dia penso mais sobre o bem estar e sobre estar bem

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

- BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si**/ Nicolas Bourriaud; tradução Dorothée de Bruchard. – São Paulo : Martins Fontes – Selo Martins Fontes, 2011. – (Coleção Todas as Artes)
- COSTA, Luciano Bedin. **BIOGRAFEMA COMO ESTRATÉGIA BIOGRÁFICA: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller**. Tese de Doutorado. Porto Alegre. 2010
- DERDYK, Edith. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador**. 2ª.ed./Edith Derdyk. Apresentação de Cecilia Almeida Salles. – São Paulo: Intemeios; 2012.
- DUARTE JR., João Francisco. **O Sentido dos Sentidos: A educação (do) Sensível**. Ed. Criar. 2001
- GALEANO, Eduardo Galeano. **O livro dos abraços** / tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto Alegre: L&PM, 2002.
- LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre ofício de professor**/ Jorge Larrosa; tradução Cristina Antunes. 1ª.ed. – Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**/ Jorge Larrosa; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ª.ed; - Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)
- HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação: Os Projetos de Trabalho**, Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MARTINS, Miriam Celeste; Picosque, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª Edição./Miriam Celeste Martins e Gisa Picosque . – São Paulo : Intermeios, 2012.
- MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação**/ Viviane Matesco. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- MERLEAU-PONTY . Maurice- **Fenomenologia da Percepção**. 4ªEd. – São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.
- MORIN, Edgar. **Amor, Poesia, Sabedoria**- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1998.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessário à educação do futuro**./Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. - 5ª. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- MUNHOZ, Angélica Vier , COSTA, Cristiano Bedin da, Lulkin, Sérgio Andrés, (Organizadores). **Porque esperamos: [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]**. – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Zona de Investigações Poéticas, 2020.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da Cultura**/ Johan Huizinga; tradução João Paulo Monteiro, revisão de tradução Newton Cunha- . 9. ed. rev. e atual. – São Paulo: Perspectivas, 2019. (Coleção Estudos; 4/ coordenação J. Guinsburg)
- PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**. – São Paulo, Ed. Senac. 2005
- RAMIL, Vitor. **Estética do Frio: conferência em Genebra** =L'Esthétique du Froid: conférence de Genève/Vitor Ramil. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- RESTANY, Pierre. **O Poder da Arte / Hundertwasser / O pintor das cinco peles**. – Lisboa. Ed. Taschen, 2003.

REFERENCIAL COMPLEMENTAR:

- BACHELARD, Gaston. **Poética do espaço**. 2ªed. São Paulo-SP: Martins Fontes, 2008
- BASBAUM, Ricardo. **Arte Contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias**. Ricardo Basbaum (org.) – Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática/** Gregorio F. Barembliitt; 5ªed. Belo Horizonte, MG:
- BRAGA, Paula. Hélio Oiticica / Paula Braga. **Hélio Oiticica** – 1. Ed. – São Paulo : Folha de São Paulo : Instituto Itaú Cultural, 2013
- CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis. São Paulo, Campanha das Letras, 1990.**
- CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da paisagem/**Anne Cauquelin; tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes. Barcelona: Gustavo Gili, AS, 2002.**
- COSTA, Cacilda Teixeira da, **Roupa de artista- o vestuário na obra de arte**, São Paulo, EDUSP, 2009
- DELEUZE, Gilles. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3 /** Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Aurélio Guerra Neto — Rio de Janeiro : Ed. 34, 1996 (Coleção TRANS)
- GATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papyrus, 1990
- KOAN, Walter Omar. O mestre inventor. Relatos de um viajante educador/ [tradução Hélia Freitas]. 1.ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- MERLEAU-PONTY . Maurice- **Fenomenologia da Percepção**. 4ªEd. – São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.
- MORIN, Edgar.1921– **Amor, Poesia, Sabedoria-** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1998.
- OSÓRIO, Luiz. **Espaços da arte brasileira / Flávio de Carvalho /São Paulo –SP** Ed. Cosac & Naify 2000.
- PAIM, Claudia. **Táticas de artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados /** Claudia Paim. – Porto Alegre: Panorama Crítico Ed., 2012.
- REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica de pesquisa em artes visuais**. In: BRITES, B. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- THOREAU, Henry David. **Walden/** Henry D. Thoreau; tradução Denise Bottman. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
- YUS, Rafael. **Educação integral: uma educação holística para o século XXI./** Rafael Yus; trad. Daisy Vaz de Moraes. – Porto Alegre: Artmed, 2002.